



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: TEREZA MORAIS CUNHA

Aos quatro dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, Dr. FELÍCIO PONTES JR. e Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, a Sr^a. **TEREZA MORAIS CUNHA**, brasileira, viúva de JOÃO PEREIRA CARVALHO, lavradora, filha de Simão Moraes e Otácia Cunha, natural de Bacabal/MA, portadora da CI 23.103 SSP/PA, Tel: 332-1447, residente e domiciliada na Trav. Osvaldo Mutran, nº 40, São Domingos do Araguaia/PA, com idade de 80 anos. Indagada, a declarante prestou as seguintes declarações: QUE casou na Igreja e viveu com Sr. JOÃO PEREIRA CARVALHO, conhecido na região como JOÃO SEM MEDO, que era natural de Bacabal, Estado do Maranhão; QUE ambos chegaram para trabalhar na roça em 1958, pois tinha informações de que a terra era muito boa e que havia castanhais; QUE morava na cidade de S.D. do Araguaia e que à época possuía apenas uma rua; QUE a roça em que trabalhavam, a declarnte e seu marido, era próxima à residência do casal; QUE não teve contato com as pessoas que eram chamadas na cidade de *terroristas*; QUE como não ia na mata as únicas informações que tinha eram de que os *terroristas* eram médicos muito bons, embora a declarante não tinha consultado com eles por ter medo; QUE o marido da declarante, conhecido por JOÃO SEM MEDO, era muito brincalhão e gostava muito de beber cachaça e, quando bêbado, declarava que não tinha medo de *terroristas*, sempre em tom de brincadeira; QUE no início da década de 70, não sabendo precisar a data, o marido da declarante estava bêbado próximo de uma mangueira localizada próxima de sua casa, quando chegaram alguns militares do Exército à paisana; QUE levaram JOÃO SEM MEDO até o acampamento do Exército na localidade de BACABA, onde ele ficou preso durante cerca de trinta dias; QUE o Delegado da cidade, conhecido por Dr. FRANCISCO, que morava em São João do Araguaia, sabendo da situação de JOÃO SEM MEDO, foi falar com os militares em favor do preso o que acarretou a sua soltura da prisão; QUE a declarante nunca mais teve notícias do Delegado, que à época do acontecimento já contava com idade avançada; QUE espancaram o marido da declarante, amarrando suas mãos e batendo no rosto com o "pé" de um fuzil, além de "acocharam" a garganta, fazendo com que a vítima tivesse dificuldades de tomar água até um mês após o incidente; QUE o marido da declarante ficou sem poder comer durante um mês, alimentando-se apenas com vitaminas injetáveis; QUE o marido da declarante foi enfraquecendo fisicamente até morrer um ano depois da violência antes narrada; QUE, durante o período em que o marido da declarante estava doente, viu muitos helicópteros sobrevoando a cidade de S. D. do Araguaia, o que causava medo na declarante que se trancava em sua casa; QUE durante muitas vezes, não sabendo precisar a quantidade, estava diante de sua casa quando algum vizinho dizia "lá vem o carro e é com o povo"; QUE neste momento a declarante trancava-se em sua casa, vindo depois a saber que se tratava de militares do Exército, voltando da mata com prisioneiros; QUE a declarante nunca chegou a ver o cortejo de militares e prisioneiros, pois se

Rua Domingos Marreiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/Pa
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244



f

d

PROD. 174
Fl. 27
[Handwritten mark]

trancava em sua residência ao receber a notícia; QUE do casamento com JOÃO PEREIRA
CARVALHO resultou uma filha chamada MARIA ESTELA, que habita esta cidade e trabalha
como professora. Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo,
que após lido e achado, vai assinado. Eu, *[Handwritten signature]* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA,
que o



TEREZA MURALS CUNHA

[Handwritten signature of Felício Pontes Jr.]

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

[Handwritten signature of Guilherme Zanina Schelb]

Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB

na cabeça que ia da sobrancelha até o início do couro cabeludo; QUE o pai do declarante também apresentava um ferimento redondo nas costas, além de marcas de chicote também nas costas; QUE o guia VANU falou ao declarante que viu quando o pai do declarante foi torturado; QUE VANU lhe descreveu a cena informando que o pai do declarante foi colocado de cabeça para baixo um buraco no DNER em Marabá e aplicavam-lhe choque nas costas, razão pela qual apresentava o ferimento redondo nas costas; QUE VANU falou para o declarante que viu o MAJOR CURIÓ torturando da maneira acima relatada o pai do declarante; QUE VANU intercedeu pedindo ao MAJOR CURIÓ para soltar o pai do declarante, não sendo atendido; QUE o pai do declarante e VANU lhe disseram que, quando tinha sede, no período em que ficou preso na BACABA e no DNER, somente podia tomar água quente com sal e limão, que estava depositada em um tambor de 200 litros, além disso, informaram ao declarante que a tortura também consistia em deixar o pai do declarante pendurado em um buraco pela bolsa escrotal (saco); QUE dois meses depois da chegada do pai do declarante da prisão, a sua irmã, RAIMUNDA, foi até à BACABA se queixar aos militares da situação do seu pai e pedir que houvesse tratamento para ele; QUE veio um sargento e quatro soldados até a casa do declarante em São Domingos do Araguaia para buscar seu genitor; QUE o pai do declarante avistou os militares, correu para se esconder; QUE os soldados correram atrás do pai do declarante e pegaram-no; QUE os militares levaram o pai do declarante para a BACABA; QUE alguns dias depois, a irmã do declarante, RAIMUNDA, foi até a BACABA para saber de seu pai; QUE, na BACABA, os militares informaram que o pai do declarante tinha ido para Belém; QUE se passaram dois anos sem qualquer notícia do pai do declarante; QUE, dois anos após, o pai do declarante chegou sozinho na cidade de São Domingos do Araguaia, com um papel na mão que determinava que o pai do declarante deveria voltar para Belém de seis em seis meses para tratamento no Hospital Juliano Moreira; QUE o documento foi queimado em um incêndio que aconteceu na mata e atingiu a sua casa há quinze anos atrás; QUE o pai do declarante nunca mais voltou a Belém; QUE entre o período que vai da chegada do pai do declarante da prisão até sua ida ao Hospital Juliano Moreira em Belém, a mãe do declarante ficou grávida, tendo a criança nascido durante o período em que o pai do declarante esteve internado no Hospital Juliano Moreira em Belém; QUE, em razão de a mãe do declarante não possuir condições para manter a criança, esta foi doada para uma família que mora em Marabá, sabendo que o nome da mulher que recebeu o irmão do declarante chama-se NAÍDE e do homem TONHÃO; QUE VANU ainda se encontra vivo, mas o declarante não sabe o nome de VANU; QUE o pai declarante algumas vezes reconhecia a sua mãe e outras vezes não; QUE o pai do declarante passou a bater na mãe do declarante; QUE o pai do declarante está neste momento internado na CLIMEC em Marabá; QUE desde que voltou da prisão o pai do declarante nunca ficou bem de saúde; QUE, ao final da Guerrilha, o pai do declarante voltou para a sua casa, e daí foram trabalhar na Fazenda São José, e, certo dia, após andar pelas redondezas, o declarante viu duas ossadas de guerrilheiros em cima na terra, na Região conhecida como CAÇADOR, na margem do IGARAPÉ FORTALEZA; QUE além do declarante, outras pessoas viram a mesma cena, como TOTA, DANIEL que mora na PIÇARRA e vários caçadores; QUE foi informado por RAIMUNDO, que era Guia do Exército e que depois foi para Maranhão, que jogaram o corpo de um guerrilheiro na fossa da casa de CHEGA COM JEITO; QUE os guerrilheiros diziam ao declarante que iriam ter saúde e escola para todos depois que a Guerrilha acabasse; QUE algumas reuniões com os guerrilheiros foram realizadas na casa do declarante; QUE os guerrilheiros diziam para a família do declarante que se algum fazendeiro não pagasse os salários dos camponeses, bastaria que falassem com eles (guerrilheiros) que o problema seria resolvido; QUE o pai o declarante estava na cidade de São Domingos do Araguaia quando, certa noite, às 22:00 hs, passou amarrada dentro de um carro preto a guerrilheira ROSINHA; QUE o carro em que ROSINHA se encontrava parou na Delegacia

Pedro

PRDC/PA
Fls. 30
M

de Polícia; QUE o carro permaneceu parado por cerca de uma hora; QUE ROSINHA estava magrinha, *judiada*; QUE o roupa de ROSINHA estava suja e que, apesar de quieta, ROSINHA ainda estava viva; QUE, oferecido para reconhecimento do declarante, as fotografias dos desaparecidos políticos da Guerrilha do Araguaia, reconheceu SÔNIA (LÚCIA MARIA DE SOUZA), JOÃO ARAGUAIA (DEMerval DA S. PEREIRA, ZÉ CARLOS (ANDRÉ GRABOIS), LANDINHO (ORLANDO MOMENTE) que usava um chapéu de couro de macaco da noite com rabo; TUCA (LUÍZA AUGUSTA GARLIPPE), BETO (LÚCIO PETIT DA SILVA) ROSINHA (MARIA CÉLIA CORREA), DINA (DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA), CRISTINA (JANA MORONI BARROSO) que ia sempre aos sábados lavar a roupa na casa do declarante e se escondia no mato, esperando até que a roupa secasse, NUNES (DIVINO FERREIRA DE SOUZA), FÁTIMA (HELENIRA RESENDE DE SOUZA NAZARETH), com quem o declarante se perdeu no mato, de noite, quando foi buscar um remédio para SÔNIA, que estava fazendo o parto de seu mãe quando nasceu a VALDERICE; DUDA (LUIS RENÊ SILVEIRA E SILVA), cujo corpo foi jogado em castanhal na Região GAMELEIRA, que hoje é a FAZENDA BRASIL-ESPANHA; QUE viu DUDA, quando passou em frente da casa do VANU no tempo em que declarante lá morava, amarrado e seguido por mais ou menos 20 soldados do Exército, fardados; QUE os pulsos de DUDA já estavam sem pele em razão das cordas que o amarravam; QUE reconheceu a ossada de DUDA, em virtude da camisa esticada em cima de uma árvore e pelos ossos da perna que eram compridos por ser DUDA muito alto; QUE o declarante pegou no crânio e viu um buraco de bala no meio da testa; QUE reconhece a foto de NELITO (NELSON LIMA PIAUHY DOURADO); QUE há cinco anos chegou na Região PAULO FONTELLES FILHO, o qual foi na casa do declarante e juntamente SIVALDO, para pedir uns animais para transportá-los até a casa do PEXIM, guia do Exército; QUE, quando o declarante, PAULO FONTELLES FILHO e SIVALDO chegaram na casa do PEXIM, conversaram com a esposa de PEXIM, D. RAIMUNDA; QUE D. RAIMUNDA entregou aos visitantes uma foto que contava ter caído da mochila de um soldado do Exército; QUE, ao ver a foto, o declarante reconheceu PIAUÍ (ANTÔNIO PÁDUA COSTA), ANTÔNIO BABÃO, outro guia do Exército, o PEXIM e o CAPITÃO LIMA; QUE a foto apresenta o PIAUÍ, amarrado, e os demais em pé ao lado de PIAUÍ; QUE ANTÔNIA BABÃO morou com a família do declarante antes da Guerrilha, foi preso, torturado e obrigado a ser guia do Exército; QUE os guias usavam uma faixa vermelha na cabeça para distinguí-los dos guerrilheiros; QUE o declarante viu muitas vezes o MAJOR CURIÓ, fardado, andando pelas matas da Região; QUE o CAPITÃO LIMA, durante a Guerrilha, chegou a *ranchar* na casa do declarante; QUE a família do declarante perdeu 50 alqueires de terra, em uma Região que era rica em mogno; QUE, quando tentaram voltar para a terra, esta já estava invadida por uma fazendeiro que derrubou todas as árvores para fazer pasto; QUE o declarante chegou a incentivar o seu pai a ir até ao MAJOR CURIÓ, sendo que declarante lhe disse que não faria por ter medo de que o Exército lhe prendesse de novo. Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Nobuo Hino*, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

Pedro Moraes da Silva
Sr. PEDRO MORAES DA SILVA

Felício Pontes Jr.

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

Guilherme Zanina Schelb

Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



PRDC 31
Fls. 12

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: LAURO RODRIGUES DOS SANTOS

Aos quatro dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB,** compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o **Sr. LAURO RODRIGUES DOS SANTOS,** brasileiro, solteiro, trabalhador rural, nascido em 25 de novembro de 1952, filho de Eduardo Rodrigues dos Santos e de Maria Brito Rodrigues, portador da CI 952.773 SSP/PA e CIC 050.273.492-20, residente e domiciliado na Av. Luis Lopes Ribeiro, s/n, Centro, São João do Araguaia. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE vive maritalmente com a **D. MARIA SANDRA SOUSA SOLEDADE** há dez anos e que desta relação possui três filhos; QUE é natural de São João do Araguaia/PA; QUE sempre morou no município de São João do Araguaia, sendo que desde o seu nascimento até o ano de 1974 morou na localidade conhecida por FAVEIRA; QUE a partir do ano de 1970 começou a manter contatos com as pessoas conhecidas como guerrilheiras, a saber, OSVALDÃO (OSVALDO ORLANDO DA COSTA), ZÉ CARLOS (ANDRÉ GRABOIS), ALICE (CRIMÉIA ALICE SCHIMIDT), DONA MARIA (ELZA MONNERAT), JOCA (LIBERO JEAN CARLO CASTIGLIA), LUIS (GUILHERME GOMES LUNDI), SEU MÁRIO (MAURÍCIO GRABOIS), SÔNIA (LÚCIA MARIA DE SOUZA), ZEZINHO (MARCOS JOSÉ DE LIMA), ALANDRINO (ORLANDO MOMENTE), CID (JOÃO AMAZONAS), SEU BETO (LÚCIO PETIT DA SILVA) e sua companheira REGINA (LÚCIA REGINA DE SOUZA MARTINS), GOIANO (DIVINO FERREIRA DE SOUZA); QUE os guerrilheiros moravam também na localidade de FAVEIRA, sendo, portanto, seus vizinhos; QUE por tal circunstância os referidos guerrilheiros frequentavam a casa do declarante para conversar sobre variados assuntos, dentre os quais a situação social dos moradores da região, a questão da saúde, educação, transporte, apoio ao trabalhador rural; QUE os guerrilheiros ajudavam as pessoas na medida do possível, como no tratamento de doentes, inclusive, quando o declarante contraiu malária, foi assistido pela ALICE; QUE os guerrilheiros mantinham um estabelecimento para comercializar diversos produtos, pois compravam dos moradores da região coco do babaçu, farinha, arroz, milho e feijão e depois revendiam, inclusive mantinham uma farmacinha para venda de medicamentos, tudo como forma de gerar renda; QUE no final do ano de 1971 os guerrilheiros avisaram que iriam sair da FAVEIRA para a localidade de São Domingos das Latas, atualmente, município de São Domingos do Araguaia; QUE as casas, comércio, roças, criações dos guerrilheiros ficaram sob a responsabilidade da família do declarante; QUE o declarante ficou responsável pelo comércio e prestando conta do caixa todos os meses com o BETO, representante dos guerrilheiros; QUE as casas e as criações ficaram sob responsabilidade de seus pais e a roça ficou abandonada; QUE, no dia 28 de março de 1972, cerca de 8 militares à paisana chegaram na localidade de FAVEIRA e ficaram hospedados na casa dos pais do declarante durante 8 dias e perguntaram sobre os integrantes da guerrilha, dizendo o nome de vários deles, inclusive o

Rua Domingos Marreiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - ☎ 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244

Lauro

↓

R

PRDC/PA
32
PL
JT

codinome utilizado pelos guerrilheiros, e explicando que eram parentes dos guerrilheiros que gostariam de encontrar com eles; QUE o pai do declarante, Eduardo Rodrigues dos Santos, foi convocado a comparecer no Tiro de Guerra em Marabá, por dois policiais militares fardados; QUE o pai do declarante foi transferido para Belém-PA, lá permanecendo por cerca de dois meses; QUE o pai do declarante disse que tinha muitos militares chegando na região, e que as pessoas que estavam na região eram chamadas de terroristas pelos militares do Exército; QUE estavam sendo feitas barreiras nas estradas, e qualquer pessoa suspeita estava sendo presa pelo Exército; QUE, por volta de 1972, o Exército, através de mensageiros, avisou aos moradores da região que todos deveriam deixar suas casas, porque a qualquer momento poderia ocorrer tiroteios, e eles não poderiam ser responsáveis por qualquer dano que ocorresse; QUE o declarante e seus pais se mudaram para o Município de Esperantina-TO (antes Goiás), na divisa com o Estado do Pará, próximo a São João do Araguaia; QUE, ainda no ano de 1972, um afilhado do pai do declarante, chamado SABINO ALVES DA SILVA, que morava com eles, achou um objeto na Faveira e que ao apresentar ao declarante o objeto, o declarante pegou o objeto com a mão esquerda e puxou um pino com a mão direita, vindo o objeto a explodir, matando SABINO, e ferindo gravemente o declarante, com ferimentos por todo o corpo e inclusive com a mutilação de sua mão esquerda; que o tratamento médico do declarante foi arcado pelo Exército, por um período de internação de cerca de 04 meses, sendo levado de Marabá para Belém, onde ficou internado; QUE foi prometido ao declarante uma indenização pelo Exército, mas nada foi feito; QUE o declarante conheceu um guia do Exército no período da guerrilha, chamado RUFINO TORRES, morador na vicinal Fortaleza, no Município de São João do Araguaia, que pode fornecer muitas informações sobre os fatos envolvendo a guerrilha; QUE o declarante não presenciou nenhum evento de confronto entre os guerrilheiros e o Exército, nem qualquer guerrilheiro sendo preso ou morto. Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Nobuo Hino* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

Lauro Rodrigues dos Santos

Sr. LAURO RODRIGUES DOS SANTOS

Felício Pontes Jr.

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

Guilherme Zanina Schelb

Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB

A 12 de abril próximo a Guerrilha do Araguaia completa o 10o. aniversário. Foi neste dia, em 1972, que um gigantesco contingente das Forças Armadas começou a dar combate aos 69 guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil. Por muitos anos a ditadura conseguiu esconder a existência desta guerra da grande maioria da população brasileira, com uma violenta censura à imprensa. O assunto só tornou público em 1978, quando os jornais "Movimento" e "Coojornal" publicaram reportagens

Faveira, São João do Araguaia — foi nesse lugar que Lauro Rodrigues dos Santos nasceu (1962) e se criou, filho dos lavradores Eduardo e Maria Rodrigues. A família vivia mais ou menos tranqüila: tinha roça, criação, e até um argemhozinho pra moer cana, ia educando os filhos. Em 1968 "um pessoal" chegou em Faveira e comprou um sítio bem próximo à casa de Lauro: eram alguns militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil, mais tartes de guerrilheiros do Araguaia entre os quais João Amazonas ("seu" Mário), Eliza Monerat ("dona" Maria) e André Grabois (Zé Carlos). Durante três anos eles conviveram e foram amigos. O pai de Lauro os ajudou a orientar-se na mata, ensinou-lhes os caprichos do rio Araguaia, os segredos da floresta. Os comunistas ajudavam no que podiam. Tinham comércio e farmácia, e sua casa era como se fosse o hospital da região.

Lauro estudava e trabalhava em Marabá, onde também conheceu a Osvaldão — um dos principais líderes guerrilheiros que nas suas idas e vindas se hospedava no Hotel São Felix, da avó de Lauro.

Em fins de 71 Lauro foi passar as férias em Faveira. Os guerrilheiros fizeram sua mudança para outro local, no meio da mata, e Lauro ficou tomando conta do sítio de Faveira. Foi quando começou o terror: as Forças Armadas invadiram a região, assustando o povo. A 28 de março de 72 militares à paisana chegaram a Faveira atrás dos "terroristas", e ficaram oito dias "hospedados" na casa de Lauro, fazendo perguntas e mais perguntas, revolvendo a mão. No rio, o barco cedido pela prefeitura de São João do Araguaia estava cheio de metralhadora.

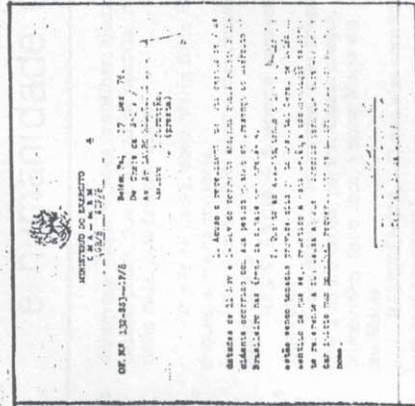
Quando foram embora, os militares levaram preso o pai de Lauro, que só voltaria dois meses depois.

inibidas e reveladoras sobre o fato. Os guerrilheiros resistiram até 1976, heroicamente. As Forças Armadas invadiram todo o sul do Pará, aterrorizando a população camponesa, que mais sofreu. Milhares de lavradores foram presos, torturados, obrigados a servir de guia — e só hoje é que, aos poucos, começam a falar mais sobre a guerrilha. Seu testemunho é fundamental para uma compreensão correta da guerrilha do Araguaia, um debate que apenas se iniciou. Por isso "Resistência" publica o depoimento de uma família que conviveu com os dois lados

morreu na hora logo e eu não vi mais nada. (Eu ouvia mas não enxergava, porque a pólvora queimou minha vista. Isso foi em 17 de agosto de 1972".

O barulho foi tão grande, conta a mãe de Lauro, que deu pra escutar do outro lado do rio. Duas horas depois chegou o pai de Lauro, seu Eduardo, carregando o cadáver do Sabino e o corpo mutilado do filho. Sabino foi enterrado em Marabá, e ficou por isso. Sua família, com medo, fugiu da região. Lauro foi transferido para o hospital da Aeronáutica em Belém, onde teve a mão esquerda amputada. O médico que cuidou dele chama-se José Raimundo Ciciano. Com 15 dias o tenente Fernandes e o sargento Pacheco, da Cia., foram visitá-lo. "Pediram as explicações sobre o tipo de granada, eu expliquei tudo. O tenente anotou e me disse que realmente a granada era do Exército Brasileiro. Preencheu um documento, mandou eu assinar e me disse que eu ia receber uma mão mecânica e uma pensão para os estudos. Depois se despediu e até hoje", conta Lauro, que saiu do hospital só a 13/12/72.

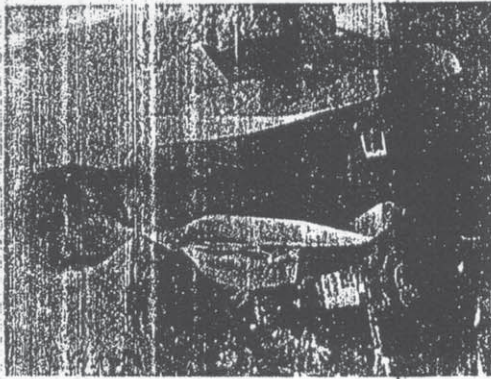
Ele já escreveu três cartas ao presidente da República (Ernesto Geisel), variadas ao Ministério do Trabalho. Todas elas foram respondidas, mas sempre em evasivas. Mandaram Lauro procurar o quartel general, em Belém. "Fiz correspondência para Belém e fui chamado a ir lá para tratar do assunto. Depois de duas semanas de idas e vindas ao quartel, consegui falar como chefe da 5a. Seção, que era realmente onde se tratava desses assuntos. O chefe pediu explicações do caso, eu expliquei tudo direitinho. Ele mandou eu ir embora e voltar no dia seguinte. Eu voltei, e ele me disse: "Olha Lauro, o teu caso o quartel não vai dar jeito. Realmente o acidente aconteceu com arma do Exército nessa guerrilha, mas o Exército não vai te dar direito porque



Em julho, o Exército mandou todo mundo sair de Faveira. A família de Lauro atravessou o rio, largou tudo. De madrugada os militares invadiram e bombardearam a localidade, incendiando a casa vazia dos guerrilheiros. "Foi tiro que só. Aquela explosão horrível parece que tinha rachado a terra", diz a mãe de Lauro. No dia seguinte, conta Lauro, "nós fomos tirar um arame da cerca para aproveitar, da casa de Faveira. Era eu, papai e dois irmãos menores (de 10 e 8 anos) e mais o lavrador Sabino Alves da Silva. Eu fiquei trabalhando com Sabino. Ai ele veio e trouxe enforcado a granada, a bomba. Tava no chão, no meio do mato. Ele não conhecia e pegou, levou pra onde eu tava, e eu também não conhecia. Botei ela na mão esquerda e fiquei olhando. Era tipo uma garrafa de peçoço, baixe, grossa, toda verdinha. Tinha um tampo, quando eu peguei não graminei que desarma ela explodiu. O Sabino

em luta, foi amigo de vários guerrilheiros e sofreu muito nas mãos do Exército. Um de seus membros, o então lavrador Lauro Rodrigues dos Santos perdeu a mão esquerda, no dia 17 de agosto de 1972, na explosão de uma granada do Exército, irresponsavelmente deixada nas matas de Faveira. Lauro nunca tinha visto uma granada.

Botou-a na mão esquerda para olhar, mexeu no pino detonador, e houve a explosão. Na hora, morreu o lavrador Sabino Alves da Silva.



Lauro: mutilado de guerra

tu és civil, e não militar. A história do quartel ficou terminada desta maneira. Eu fui até o fim e encontrei somente soluções negativas. Eu acho isso uma grande falta de honestidade e humanidade da parte do Exército Brasileiro", desabafa Lauro.

A sua família perdeu tudo o que tinha. Hoje vive num casebre em Nova Marabá, fazendo qualquer trabalho para arranjar um dinheiro e poder sustentar a família. Lauro, o filho mais velho, ajuda no que pode, mas a falta da mão esquerda.

Abaixo trechos da entrevista de Lauro e dona Maria. Sobre o "acidente" e sobre a sua convivência com os guerrilheiros.

A 28 de março de 72 militares à paisana chegaram a Faveira atrás dos "terroristas", e ficaram oito dias "hospedados" na casa de Lauro, fazendo perguntas e mais perguntas, revolvendo na mão. No rio, o barco cedido pela prefeitura de São João do Araguaia estava cheio de metralhadora.

Quando foram embora, os militares levaram preso o pai de Lauro, que só voltaria dois meses depois.

lá para tratar do assunto. Depois de duas semanas de idas e vindas ao quartel, conseguiu falar como chefe da São João, que era realmente onde se tratava de... assuntos. O chefe pediu explicações do caso, eu expliquei tudo direitinho. Ele mandou eu ir embora e voltar no dia seguinte. Eu voltei, e ele me disse: "Olha Lauro, o teu caso o quartel não vai dar jeito. Realmente o acidente aconteceu com arma do Exército nessa guerrilha, mas o Exército não vai te dar direito porque

nestidade e humanidade da parte do Exército Brasileiro", desabafa Lauro.

A sua família perdeu tudo o que tinha. Hoje vive num casebre em Nova Marabá, fazendo qualquer trabalho para arranjar um dinheiro: e poder sustentar a família. Lauro, o filho mais velho, ajuda no que pode, mas a falta da mão esquerda.

Abaixo trechos da entrevista de Lauro e dona Maria. Sobre o "acidente" e sobre a sua convivência com os guerrilheiros.

“Eu acho que foi grande a falta de honestidade e humanidade do Exército Brasileiro”

Em dezembro de 71 Lauro, que estudava em Marabá, foi a Faveira passar as férias. "Foi quando surgiu essa confusão da guerrilha".

RESISTÊNCIA — Tu já tinha ouvido falar de alguma coisa sobre isso em Marabá?

LAURO — "Não, não sabia de nada. O negócio é que antes chegou um pessoal. Eles compararam um terreno de um vizinho nosso, e eles moravam lá uns três anos. Eram esses que diziam que eram os terroristas". Tinha o Roberto, que chamavam Beto, a Alice, o Zé Carlos, seu Mário, já meio velho, dona Maria, uma senhora, Regina, Luiz, Orlando, mas a gente só chamava Alandrimo, Zezinho, que era irmão dele, e o Joca. "Eles moravam em Faveira, numa casa que eles tinham comprado de um moço de nome Pedro Frutuoso. O terreno deles estremava como da gente. Custou mil e tantos cruzeiros, casas com sítio. Todos eles eram de um jeito só, sabe? Tratavam todo mundo bem, distintos. Eles tinham comércio, farmácia, tratavam bem o pessoal.

LAURO — Esse centro foi outro local que eles compraram. Ficava pra dentro de São Domingos. Eles iam de burro. Eles tinham um barco e traziam muita mercadoria de Marabá. A gente morava na beira do rio. Eles traziam muito mantimento e nós descarragava. E eles pegavam muito comestível e levavam lá pro sítio deles, que lá não tinha nada. Parece que era quatro dias que eles gastavam na viagem. Quando eles situaram lá eles dividiram, ficava uma turma lá e outra em Faveira. Mas sempre eles convidavam pra gente ir olhar lá, mas nunca houve oportunidade. Lá nós não conhecemos, só mesmo na beira do rio.

RESISTÊNCIA — O que eles conversavam com a senhora?

Dona Maria — Que eles tinham comprado aquele local e iam trabalhar de layoura.

RESISTÊNCIA — O que a senhora achava deles?

Dona Maria — Não, eu não achava nada. Achava que eles eram umas pessoas muito servidor. Pra toda região dali eles eram umas pessoa muito servidor. Ajudavam todo mundo, eles tudo e a direitinho. Eles tinham uma rocinha. Como era muito seco, eles fizeram outro sítio, no centro, pra lá. Agora lá nós não conhecemos. Eles pegaram muito pra gente ir andar por lá, passear, mas nunca dava certo, era muito distante.

RESISTÊNCIA — Quer dizer que eles tinham a casa em Faveira e outro sítio noutra lugar?

LAURO — Esse centro foi outro local que eles compraram. Ficava pra dentro de São Domingos. Eles iam de burro. Eles tinham um barco e traziam muita mercadoria de Marabá. A gente morava na beira do rio. Eles traziam muito mantimento e nós descarragava. E eles pegavam muito comestível e levavam lá pro sítio deles, que lá não tinha nada. Parece que era quatro dias que eles gastavam na viagem. Quando eles situaram lá eles dividiram, ficava uma turma lá e outra em Faveira. Mas sempre eles convidavam pra gente ir olhar lá, mas nunca houve oportunidade. Lá nós não conhecemos, só mesmo na beira do rio.

RESISTÊNCIA — E como é que o pessoal do Exército vai aparecer nesta história?

LAURO — Bom, eu fui passar as férias em 71 e fiquei lá. Foi nessa época que surgiu o pessoal do Exército aí, procurando eles.

RESISTÊNCIA — Isso em que época do ano?

Dona Maria — Em 72, a... 27, 28 de março, foi a primeira vez que eles chegaram lá.

LAURO — Porque eles fizeram o seguinte antes deles chegaram o Beto ficou em casa e falou com o papai. Eles queriam mudar pro outro sítio e queriam que eu ficasse lá tomando conta da casa e do comércio, que eles voltavam de 15 em 15 dias. O papai concordou e eu fiquei lá sozinho na casa. Dormia lá, tinha um fogão, comprei aqui em Marabá. Quando era fim

de mês Beto vinha, a gente acertava tudo, ele me pagava, e voltava pra lá. Bom quando foi um dia, eu não tava lá no comércio, minha irmã foi pra lá passar as férias, ela ficou no comércio e eu saí. Aí chegou esse pessoal lá, procurando o nome deles, informação deles.

RESISTÊNCIA — Como era esse pessoal? Civil, fardado?

LAURO — Civil, paisano. Tudo diferente, ninguém nunca tinha visto. Eles sabiam tudo o nome deles. Era meio barbudos, cabeludos. Nesse dia eles tiveram lá procurando informação com a minha irmã, e consideraram a gente pra ir para um churrasco que eles iam fazer lá numa praia, no Bacuruzinho.

RESISTÊNCIA — Eles disseram qual era o assunto, o que queriam?

LAURO — Não disseram nada disso, e nós não fomos. Aí passou, eles voltaram lá. Nesse dia eu tava. Chegaram lá à tarde. Eu tava tirando umas laranjas, fazia três dias que o Beto tinha saído de lá. Eu tava tirando as laranjas e eles chegaram lá. Até num barco da prefeitura de São João. Eram muitos, bem uns seis. Tudo paisano. Nesse dia eles conversaram muito. Sentiram pressões e foram perguntar tudinho. Eles tinham arma, revólver e val.

RESISTÊNCIA — Só revólver?

LAURO — É metralhadora. Mas metralhadora eu vi depois no barco. Mo mo momento lá, só mesmo revólver. Aí eles co-

IZABEL CUNHA



Miguel Chikroka

repressores (DOI-CODI); por isso lá viviam, juntamente com meu marido, para outra região.

Os verdugos entraram em nossa pequena casa, de armas nas mãos, ameaçando-nos e invadiram as dependências do nosso lar procurando armas, achando que nossa casa era um aparelho subversivo. Não existia arma na casa.

Armas da cabeça

Meu marido encontrava-se no quarto lendo quando nossa casa foi invadida. Alugaram-nos e nos colocaram no quarto onde ficamos das 17 até as 20 horas. Vassouras, guardas, revistaram tudo procurando guarda-roupa, revistaram tudo procurando algum material com que pudessem nos incriminar. Perto das 20 horas, chegaram mais de 10 elementos da repressão que se intitulavam "doutores". A repressão deu um complexo de spiência e quase todos denominam-se "doutores" Rodrigo, Juca e outros. Levaram-nos após a chegada desses elementos em uma rural, algemados, apontando armas nas nossas cabeças. No caminhão falei com minha vizinha que estávamos sendo presos. Imediatamente ela foi segura por um "tira" que queria saber o que eu havia falado.

O roubo dos policiais

Quando sei de minha casa segurei minha calça Lee, e um casaco de frio e com essas roupas fiquei quase 3 meses. Meu marido ficou com uma bermuda e uma camiseta não sei por quanto tempo. Toda nossa roupa, móveis, utensílios, foram em parte saqueados pelos policiais que vigiarão nossa casa por 8 dias, montando guarda dia e noite à espera de que alguém por lá aparecesse. As melhores coisas que possuía foram roubadas; meu marido chegou a ver um "tira", Cabo Santos, com sua carteira. Mais tarde descobrimos nossos objetos no 126. Rl de Belo Horizonte. Não nos entregaram os móveis e utensílios alegando que nossa casa era "aparelho subversivo".

Choque e "telefone"

No DOI-CODI, esperavam-nos os torturadores, no 36, andar do DOPS. Fomos entregues, e meu marido foi imediatamente torturado ao mesmo ser interrogado ou identificado. Ouvi seu grito quando era torturado com choques elétricos.

NO VÍDEO, QUE FUI RECAPITULAR PARA SIEMAS E OUTRAS AMIGAS.

Tivez nessa noite tentam esconder fatos que não consigo recompor, como os narrados pelos soldados de plantão, que falaram-me que cheguei mais de melancolista, encapuçada e toda molhada. Não sei esses fatos, como outros, fica difícil lembrar. Fiquei com problema de esquecimento por muito tempo e até hoje, depois de muito esforço, consigo exercitar a memória para não esquecer.

Dias terríveis

Voltei muitas vezes ao DOI-CODI, e muitas vezes sofri tortura física e tortura psicológica. Até que uma noite, quando encontrava-me na câmara de tortura, escutei alguém falando alto que ia levar meu marido para o serviço médico, urgente. Pensei que estivesse morto e ir ao serviço médico seria a desculpa para assinar atestado de óbito. Vi muito nervosismo e agitação naquela noite. Fiquei apreensiva e um nó na minha garganta se fez sentir, assim como uma dor profunda em imagar que nunca mais iria ver meu marido. Perguntei para um cabo do Exército e ele falou-me que meu marido estava "fraco e desidratado" porque "não queria comer" e ia tomar soro.

Passei dias terríveis. Na outra tarde fui ainda torturada com pau de arara, choques elétricos e tapas. Encapuzada, segurou-me o sargento Davi (Dr. Socrates pelo braço esquerdo (como quem segura um frango pela asa) e desceu as escadas correndo na maior velocidade possível, do 3o andar até o térreo. De lá, ainda, jogaram-me no banco trazeiro da C-14 — Vera — nele, para "deixar-me" na 5a. Companhia. No "outro" dia estava com manchas roxas nos braços e nas mãos, não podia enxergar direito, pois via pontos pretos no ar. O médico da 5a. Cia que veio ver-me disse que não havia problema nenhum e que se evoluísse para um tumor, eu coisa parecia tomaria providência.

Um xadrez para loucos

Passei até o dia 11 de janeiro de 1972, sem saber o que havia acontecido com meu marido. Até que fui ao escritório do comandante da 5a. Cia. de Comunicações, pedindo-me fosse informado onde se encontrava o meu marido e também ao major Cabemir Vieira presidente do inquiri-

Fiquei o dia todo no DOI-CODI sem ao menos tomar um copo d'água. Os torturadores revezavam-se para torturar outros presos, mas um dos que atuavam em "tempo integral" era o tenente Melo. No dia seguinte, novamente fui submetida aos meus algemas, cerca de dez homens, que reuniram-se em uma sala, revezando-se no interrogatório. Entre eles, o capitão Pedro Ivo, o Poiteira, o DR. Joaquim, o tenente Melo, o Cabo Santos, o Cruz, o sargento Davi (Dr. Socrates) e outros. O tenente Melo controlava a frequência de choques, amarrando os fios dessa máquina em meus dedos do pé e das mãos, a descargas a mais de 60 volts. Os choques se estendiam pelo corpo na "tigua" da vagina e pelo corpo todo.

O sadico dr. Socrates

A tarde, esse mesmo dia, o sargento

Fiquei até as 24 horas em uma sala, onde rezeavam-se, interrogando-me e ameaçando-me com a maquininha de choque e o "telefone". Quase perto de meia-noite a minha sorte estava sendo lançada: se ia para a 5a. Cia de Comunicações do Exército (PAMPULHA), para um distrito policial ou outro lugar. Acabei indo para a 5a Companhia, onde fiquei até abril de 1972. Estando eu já na cela, a mesma foi pintada de cinza "chumbo", causando-me enorme depressão, ao ponto de ficar quase o tempo todo com os olhos fechados.

No dia 30/12/71, bem cedo, fui levada para o CODI. Começaram a "sessão". Tiraram minha roupa e, despida, fui torturada com choques elétricos, tapas, "telefonos" (tapas no ouvido com as mãos em forma de concha), socos. Essa sessão, como dizia um médico, "cessou espiritualmente". A tarde, esse mesmo dia, o sargento

Iza e Humberto Cunha: torturados



meçaram a perguntar o nome deles. Eles já sabiam sabe? Fulano de tal? E eu dizendo tudinho. Fizeram um bando de perguntas.

RESISTÊNCIA — E o que eles perguntavam?
LAURO — Assim: você conhece ele de quanto tempo? Aí eu disse, de tal tempo. O que eles faziam? Eu dizia, roça, comércio, e tal. Aí eles invadiram a casa, sabe? Olhando tudinho, mercadoria, tudo. Perguntaram se a gente nunca tinha visto nada estranho, arma.

RESISTÊNCIA — Eles abriram na marra, com violência?
LAURO — Na marra. Tinha uma mala lá, eles abriram, mexeram em tudo. Perguntaram se eu nunca vi arma. Eu disse que a arma que eu vi era arma normal, que todo mundo usa, espingarda cartucheira, de caçar. Outra arma eu nunca vi. Eles perguntaram onde é que eles estavam? Eu disse que não. Eles queriam que eu fosse lá, mas eu nunca andei pra lá, não sei nem o rumo. Aí eles ficaram lá em casa, sabe, arranchado.

RESISTÊNCIA — Quantos dias eles ficaram lá, na casa de vocês?
Dona Maria — Eles ficaram lá oito dias, comendo, bebendo e dormindo.
LAURO — Eles levaram rancho.
RESISTÊNCIA — Mas pagaram alguma coisa?
Dona Maria — Não, eles não pagaram nada.
RESISTÊNCIA — E ficaram oito dias lá fazendo o quê?
LAURO — Só perguntando, conversando, indagando, escrevendo.
Dona Maria — Era perguntando e escrevendo. Tudo que a gente dizia eles escreviam. A gente não sabia o que eles eram por que eles nunca disseram. Diziam que era gente do INCRA. Quando nos perguntassem que pessoal era aquele, era pra nós dizer que era gente do INCRA. Então uns ficaram lá e outros iam pra Marabá, e quando era tardezinha voltavam...

LAURO — Tinham uma voadeira.
Dona Maria — Até que um dia eles disseram: "Seu Eduardo (o pai de Lauro), não tem mais nada. Não tem problema mais com o senhor, o sr. vai e pega a mercadoria que tem naquela casa, e não pise mais naquela

rede e ontopia. No outro dia ele mandou eu ir lá. Cheguei lá três solidad, vieram com ele. Ele chegou, falou ali com nós poucas horas mesmo.

RESISTÊNCIA — O que ele disse?
Dona Maria — Que tava preso, e não sabia porque. Não sabia qual era o assunto porque nunca tinham dito pra ele.

RESISTÊNCIA — Ele disse se tinham batido nele?
Dona Maria — Não, nunca bateram. Ele disse que tava preso lá só pra dar essas perguntas, dizer o que eles estavam fazendo lá, o que o Joca era, o que o Joca fazia, era só isso.

LAURO — E também todos que o Exército prendia aí na mata ele tinha que ver, que era pra saber se era algum desses conhecidos. Em Belém também ele ficou só vendo fotografia. Ele viu foi monte, que era pra dizer se era as mesmas pessoas ou não. Passou quase dois meses em Belém.

RESISTÊNCIA — E ele reconheceu alguém nas fotografias?
Dona Maria — Ele conheceu só a dona Maria e o seu Mário, nas fotos. que era só pra identificar, só pra fazer pergunta.

LAURO — Mas ele pegou maltrato também, Ceia e tel.
Dona Maria — É, ele pegou cela, ficou sem comer.
RESISTÊNCIA — Mas ele disse que nunca bateram?
Dona Maria — Nunca bateram. Só

recebido nela. E esse aí que perdeu o nome do filho.
RESISTÊNCIA — Nessa época, em que o seu Eduardo estava preso, o Exército continuava indo lá em Faveira?
Dona Maria — Não. Eles ficaram na Transamazônica. Eu só sabia da notícia deles dizendo que era pra mim tomar cuidado, pra eu sair da casa, pois tava muito arriscado ser um ataque lá e eu me acabar de repente com os meus meninos. Mas então eu aguentei. Até que o Eduardo chegou, se dia 29 de maio. No dia 30 nós viemos pra Marabá e deixamos o Lauro lá, com os parentes. Quando nós saímos, viajamos assim um quilômetro e um cunhado meu ali cantou nós, e disse que o Joca mais uma terra tinham sido lá. Feito janta, tinham jantado e tudo.

RESISTÊNCIA — Isso na casa de quem?
LAURO — Lá na nossa casa. Foi o seguinte. Eu tava à noite eu, meus irmãos e um senhor que trabalhava com a gente. Aí quando foi notícia de umas sete horas bateram na porta chamando, sh morador. Aí eu pensei que fosse algum vizinho. Quando chamou três vezes eu chamei o moço que ajudava, seu Raimundo. Levantamos, abrimos a porta e eram eles. Era o Beto, Alice, Zé Carlos, Aladrino e um sr. Goliano, que eu nunca tinha visto, ele não morou lá, eu abri, eles entraram, começaram a conversar, procuraram saber do papai, eu disse que tava pra Marabá. Perguntaram pelo pessoal do Exército. Aí eu contei tudinho,

RESISTÊNCIA — Qual é a opinião de vocês sobre esses que o Exército chamava de terroristas, hoje em dia?
Dona Maria — Eu não sei, que eu não entendo esse negócio de terrorista. Mas eu vejo o pessoal dizer que esses são o pessoal que chega tomando as terras e isso e aquilo, humilhando. Então eu não posso dizer que eles eram isso, porque nunca fizeram isso lá. Nesses três anos eles nunca humilharam ninguém. O que eles podiam fazer de bom, de eles fizeram.

RESISTÊNCIA — A senhora não ficou preocupada de saber se eles morreram, se estão vivos?
Dona Maria — Fico, fico preocupada, porque não sei se morreram, não sei se não morreram.

RESISTÊNCIA — E se esse pessoal, esses rapazes e essas moças tivessem dito pra vocês o que eles realmente tinham vindo fazer aqui, qual a atitude de vocês?
Dona Maria — Eu penso que era melhor, porque a gente não sabia de nada.
RESISTÊNCIA — E tu Lauro, que era tão amigo deles, porque tu não ficou com eles?
LAURO — Porque o Exército tava no pé de todo mundo.
Dona Maria — E no nosso mais, porque nós era amigo. Era quase uma casa só. Lá em casa na hora que adoeceu um menino eles tavam lá. A dona Maria, não sei não, todo dia eu falo nela.

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — E se esse pessoal, esses rapazes e essas moças tivessem dito pra vocês o que eles realmente tinham vindo fazer aqui, qual a atitude de vocês?
Dona Maria — Eu penso que era melhor, porque a gente não sabia de nada.
RESISTÊNCIA — E tu Lauro, que era tão amigo deles, porque tu não ficou com eles?
LAURO — Porque o Exército tava no pé de todo mundo.
Dona Maria — E no nosso mais, porque nós era amigo. Era quase uma casa só. Lá em casa na hora que adoeceu um menino eles tavam lá. A dona Maria, não sei não, todo dia eu falo nela.

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,

RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,



RESISTÊNCIA — O que a dona Maria conversava com a senhora?
Dona Maria — Do assunto deles ela nunca falou nada. Ela falava assim, sobre a situação da pobreza. "Mês dona Maria,



mais a sua situação de saúde. De dia, depois, mais ou menos, permitiram-me que nos víssemos rapidamente, e que eu fosse chamado pelo DOI-CODI. Chegamos ao Pro-fessor Aldebarão Klabin, Paulo Men-

des, O Sérgio Couto, Hoff, dono de Imobiliária, O deputado, arguto, Pfl-rio Pinheiro Neto, e etc. Embora que eu os conhecesse, perfeitamente, o Paulo Mendes-Tora, até me fez professor na Es-cola de Teatro de Plínio, meu colega de Faculdade. Um parente, o Plínio, está fichado porque foi ameaçado de um processo de 477 na Faculdade de Direi-to, porque com mais oito colegas havia participado de um trofé violento na Ca-lourada de 1969, que a Diretoria da Faculdade havia considerado danoso ao patrimônio universitário. O DOI-CODI só sabia da ameaça do 477. E se ele es-tava ameaçado de 477 deveria ser mais um comunista infiltrado na Universi-dade. Bem, embora eu os conhecesse perfeitamente, entre outros, nequei, pro-curando não comprometer ninguém, além dos naturalmente comprometidos pelo material do próprio inquérito. A quando dessa prisão em São Paulo, veio à luz minha participação política no Move-mento Estudantil de 1968 e 69 aqui em Belém. O pessoal do DOI-CODI ficou então furioso.

Juntem-se as duas coisas: nosso depoimento na Auditoria e um certo logro que mesmo naquelas condi-ções difíceis do Rio de Janeiro eu havia aplicado. Foi quando esse tortura-dor tentou me matar. Não por simples sentimento de vingança. Ele queria saber o nome de uma pessoa possivelmen-te paraense que estaria envolvida na Guerrilha do Araguaia. Mas talvez de to-das as pessoas que ele declinava, e que eu conheci, esse fosse justamente o único que eu realmente não conhecia. Como ele sabia que eu não desconhecia os no-mes precedentes, e que os negava conhe-cer, ele não acreditava que eu não conhe-cesse o nome da pessoa que ele queria. Então mais uma vez a tortura desabou. Ameaça de estupro da Hecilda, que ha-via em fevereiro dado a luz ao nosso fi-lho, choque elétrico, pau de arara, afo-gamento e etc... No auge da sua histeria, esse torturador, que se gabava de não

ter o macacão, Assim tu, sem comer, sem beber, sem poder dormir, ou mesmo fazer qualquer necessi- e fisiológica, sob o risco de ser obi do a engolir qualquer coisa que expelisse, sentindo-me dentro do meu próprio esquite, após três dias - confrei as datas depois a pior experiência que tive. Saber-me ficando louco. Ouvia minha mulher me chamando, meu pai, minha mãe, meus irmãos, na longínqua Belém. De re-pente caía em mim e percebia que estava tendo delírios. Que ninguém poderia me chamar, porque eu estava enterrado vivo.

Quando entrara na "câmara" tive um pensamento, e o registro textual-mente, passados quase sete anos: "se me trouxeram de Brasília para o Rio pra me colocar aqui dentro, isso eu vou tirar de letra". Na verdade, três dias após, perdi completamente o controle. Li com atenção, recentemente, a denún-cia de Aldo Arantes que passou também pela mesma "câmara", presumo eu pela descrição que dela ele fez. Diz ele que a "câmara" procura dar a impressão de que o preso está ficando louco. Talvez tenha sido só isso. Talvez que eu tenha sido so- a impressão. Mas o que eles poderiam fazer comigo louco? Era o que mais me assustava: Fui enterrado em pânico. Do pânico ao pavor. Pavor de ficar louco. Pavor de não controlar informações que porventura eu tivesse. Pavor de prestar serviço àquele monstruosa máquina. O meu medo era o que eles poderiam fazer comigo louco. Comecei a tremer.

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Entre os principais torturadores do PIC estavam o Tenente BURGUE, o Major Othon Rego Monteiro, o Sargento Ribeiro, o Sargento Vasconcelos, Arthur, os Cabos Martins, Jamiro, Eson Torrezan, Nazareno, Calegari, soldado Os-mael, Admir.

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

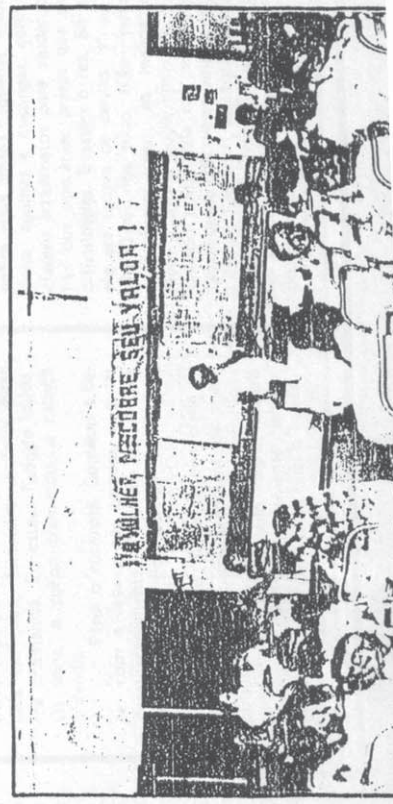
Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a

Logo à chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o desco-nhecido, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fu-ria da tortura em Brasília eu me inter-rogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pen-samentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a



dessa quadro os métodos de inquirição ainda eram insuperáveis.

Logo a chegada, eu e Hecilda fomos separados, pela frente o disco, nhocado, que haveria de ser terrível, porque senão não nos deslocariam de Brasília para o Rio. Conhecendo a fúria da tortura em Brasília eu me interrogava: o que eles ainda poderiam me fazer, que já não tivessem feito? Pensamentos monstruosos me afligiam, eu que já havia lido o que os nazistas fizeram com mulheres judias grávidas durante a II grande guerra. A certeza da morte tomava cada vez mais força. Seria difícil sairmos dali vivos.

Na Barão de Mesquita, eles dividiam a tortura em quatro fases. A primeira, dos longos interrogatórios, com luzes de refletores, ameaças, pressões emocionais, interrompidas sempre por propostas de melhor tratamento. O caso o preso resolvesse colaborar. A segunda da violência indiscriminada, puramente física, com afogamento, "pau de arara", choques elétricos, espancamento ou "paraíso", que atualmente os presos têm chamado de "geladeira". E finalmente a quarta, que eu não conheci, que seria um certo "passeio de avião em terra", que geralmente provocaria morte do torturado. Segundo a filosofia reinante nesse Centro de torturas, o que não servisse à repressão não deveria servir a mais ninguém.

Eu fora catalogado entre os presos especiais. Fanático, segundo Brasília. Eu, vinte e dois anos, quase um menino, simples estudante, comprometido e verdade com a luta democrática, porém sem nenhuma importância maior, senão pela força e disposição, de resistir àquele monstruoso aparelho de repressão.

Na Barão de Mesquita, o DOI-COD, dispôs-me as duas primeiras fases. Tiraram-me as roupas, vestiram-me um pequeno tapalco, bermuda e atiram-me na chamada "câmara do Vietnã". Era um cubículo de mais ou menos 2,00 x 1,80 metros, forrado por paredes de um material semelhante ao sucatax totalmente escuro dentro do qual não se via nenhuma coisa da mão. Este cubículo estava dentro de um que o maior



Fontelles, falando para as mulheres do Araguaia

Repetia-me: "não vou falar... não vou falar... não vou falar...". Indefinidamente, como já num processo de auto-sugestão. E de repente os sons. Tentava tapar os ouvidos com os dedos, mas era inútil. Aquelles sons infernais, enlouquecedores, penetravam no meu cérebro. Cai em desespero. Parecia não haver saída. O que eles poderiam fazer comigo louco? O medo não era morrer. O medo era ficar louco. O que eles poderiam fazer comigo louco? Cheguei a aceitar a loucura. Repetia-me, para mesmo no delírio resistir, não vou falar... não vou falar... não vou falar... E de repente os sons. Terríveis. Passei a não controlar minhas reações motoras. O corpo tremia, todo. Fez: Frio. Delírios: a Hecilda me chamava: minha mãe me chamava, meu pai me chamava. De repente caía em mim. Ninguém poderia estar me chamando. Eu estava ficando louco. Os sons, o corpo tremendo, a cabeça ardendo.

Perdi o controle. Comecei a bater com a cabeça nas paredes, a gritar desesperadamente. Tirem-me daqui... tirem-me daqui. Foi quando me tiraram daquela "câmara", sentido numa cadeira cheia de fios elétricos, que prendiam os meus pulsos. Cadeiro esse que se localizava dentro de um triângulo negro, dentro de uma sala completamente branca, cheia de luzes, dentro da qual o interior

A princípio, eles ainda possuíam o pudor de colocar o rádio em volume altíssimo para não ouvirmos os gritos que vinham da "salinha". Depois não. Torturavam às escâncaras, notadamente durante que foi comandar a P1C esse tenente Burguer, sob direção do Major Othon Rego Monteiro, dois fascistas torturadores dos mais perversos. Mesmo os que já tinham passado pela fase do interrogatório e estavam somente esperando julgamento eram provocados e torturados.

Esse Major Othon Rego Monteiro mandou, certo dia, buscar-me na cela. Disse-me que nos estávamos tendo muitas concessões. Que ele iria apertar nossas vidas para ver quem eram os rebeldes. Essas concessões eram banho de sol, livros, um rádio, jogo de xadrez, enfim essas coisas pequenas, e sobretudo linha, agulhas e miçangas, com que fazíamos artesanatos para ajudar as famílias dos operários presos que passavam dificuldades. E assim o fez. So que para ele até escova de dentes virou concessão. Tirou-nos tudo. Não poderíamos nem cantar, nem ao menos assoviar. Nem a Bíblia poderíamos ler. Foi transferido numa cela em penumbra, onde fiquei quase três meses isolado.

Em abril, um torturador, que se dizia do C1EX, mas que soube pertencer pouco tempo que tínhamos dado o nosso

que eu realmente não entendi. Como ele sabia que eu não desconfiava de mim mes precedentes, e que eu negava com certeza o nome da pessoa que ele queria. Então mais uma vez a tortura desabou, e desta vez tão juriosamente que terminaria pela tentativa de me assassinar. Ameaça de estupro da Hecilda, que havia em fevereiro dado a luz ao nosso filho, choque elétrico, pau de arara, afogamento e etc... No auge da sua histeria, esse torturador, que se gabava de não ter escrúpulos, avançou para mim, dizendo que ia me matar. Eu estava de joelhos no chão, com as mãos amarradas ao calcanhar. Ele pegou um cacete, desses de choque de rua, com mais de um metro e deu-me com ele, com toda a sua força, com as duas mãos, na cabeça, enderec-to a pancada à base do crânio. Minha sorte foi que no exato momento da pancada, levantei a cabeça, sendo atingido logo acima da testa, o que "apenas" ocasionou a fratura do osso, sem as consequências de morte. Depois esse mesmo torturador foi-me acusar de tê-lo feito perder a paciência.

Eu, julgado e condenado, numa verdadeira "farsa", a um ano e oito meses de prisão. A Hecilda foi condenada a um ano. Por mais que eles pretendessem, não conseguiram acusar-nos de terroristas. As ações que teriam configurado meus delitos foram meia dúzia de reuniões vinculadas a Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil, uma panfletagem dentro da UNB contra o Governo, uma "pixonada" em Brasília contra a perna de morte e a tentativa de reorganizar a União Nacional dos Estudantes - UNE na Universidade de Brasília.

Vimos cumprir o resto da pena em Belém, onde ficamos inicialmente na Cadeia Pública de São José. Posteriormente com a Hecilda já em liberdade, fui transferido para o Batalhão de Guardas da Polícia Militar de Gaspar Vianna, onde cumpri a minha pena até o último dia.

Durante três a quatro anos fui perseguido por pesadelos noturnos, mas, como diz o verso de Paulo Cesar Pinheiro, eles me prendem vivo, eu escapo morto.

bra, na sede Internacional da Anistia, eles têm muitas notícias do Brasil, mas quem escapou das guerrilhas, quem esteve nas guerrilhas, eles não sabem. Eles sabem alguma coisa sobre torturas, assassinatos. Essas coisas eles sabem, mas os outros...

RESISTENCIA — Dos órgãos brasileiros, o senhor esteve na Polícia, etc. Dr. Girão — E eu procurei eu recebi uma recomendação da Anistia Internacional, pra procurar o Superior Tribunal Militar, através de uns ministros que me pediram pra não citar nomes. Então eu procurei esses ministros, não estavam. Então eu falei com os militares que estavam lá no momento: "Capitão-de-Mar-e-Guerra, e outro Major, gente realmente muito delicada, muito fina, e que eu acredito, não mentir. Esses dois que nos atenderam, um era secretário, quer dizer, encarregado de atender o pessoal, e o outro era ligado diretamente a esse ministro que eu fui procurar. Eles dois nos trataram muito bem. Então eu quando saí lá do Superior Tribunal Militar eu falei para minha mulher, se eles estivessem mentindo, seria bom aceitar esse tipo de mentira, porque são pessoas assim tão boas, eles exprimiram tanto desejo de ajudar, de servir, que a gente tem que acreditar neles. Então toda a noite que eu tive da anistia, que constava isso ou aquilo no Su-

Brasil, e em outros lugares, e que em...



O médico Benigno Girão Barroso

grupo que tinha ficado lá em cima esperando por elas, tinha sido todo metralhado, escapando apenas uma pessoa. Essa pessoa é que deu o testemunho disso, lá em São Paulo, a um grupo de poltudos. Então, se não consta que foi metralhada, se o próprio grupo procurou fazer um levantamento da região e não encontrou as duas moças, há a possibilidade de ter escapado ou ter sido presa, torturada, ter perdido a memória, ter ficado isada, doente, ou outra coisa qualquer.

RESISTENCIA — Essa região é mais ou menos onde?

Dr. Girão — É mais ou menos próximo de Marabá. Foram 2 companheiros mortos, entendeu? E sobreviveu um. Esse sobrevivente foi quem relatou em São Paulo isso que está mais ou menos dito aí. Agora há outra coisa também. Nessas coisas, a gente faz apelações religiosas, parapsicológicas e etc. Então há uma série de relatos em centros espíritas e amigos, e pessoas que se interessaram em nos escrever cartas. Tudo isso, pessoas que se dizem videntes, médiums. Há um relato coincidente com a informação de

RESISTENCIA — O senhor não procurou o Hugo Abreu?
Dr. Girão — Não. Não procurei e nem procuraria. O Hugo Abreu ele precisa se procurar primeiro: Pra se achar pri-

RESISTENCIA — Foi o Hugo quem chefou o combate?

Dr. Girão — O Hugo Abreu, eu acho e estava atrás de uma "heroicidade" no quartel. Ele queria ser o herói, de qualquer maneira. Pretendia ir para o trono de maneira que ele tinha que fazer o do heroísmo, para ver se conse-

RESISTENCIA — O que é que trouxe o senhor pra cá? O senhor veio casual, ou o senhor veio atrás de alguma coisa?

Dr. Girão — Eu vim pra cá porque a informação que nos passaram, e teve o seguinte: que mais ou menos em 6 de janeiro de 74, vinha um grupo "Núcleo" do qual ela fazia parte, e as moças. Vinham por um caminho, uma pequena trilha. A minha filha

colmente, com um relato interessante. E, mais tarde, que essa pessoa, que fez esse relato, tivesse sido influenciada pelas muitas informações. De qualquer modo, que levantava as esperanças. E com isso, a gente vai atrás das esperanças. E como as esperanças começam a ter vez aqui por Belém do Pará, então eu vim até aqui.

RESISTENCIA — Esse hotel em Araguaína, onde consta que ela teria se hospedado, algumas vezes, o senhor já esteve lá?

Dr. Girão — Não, eu não estive nesse hotel. Me desaconselharam, a fazer qualquer tipo de procura, eu, diretamente, em Marabá ou Imperatriz, essas duas cidades onde ela poderia estar, pela dificuldade de no momento, de chuvas, transportes, hospedagens, e porque não tem o apoio de ninguém. Chegando lá eu iria procurar quem? Eu iria procurar o padre, o capitão, o delegado, o prefeito, não ia adiantar muito. Então nós resolvemos fazer assim uma espécie de grupo logístico. Primeiro procurar um grupo que estivesse já organizado e conhecesse a região, e esse grupo fazia uma batida, uma procura, através de pessoas conhecidas ou por exemplo o hotel Apinagés ou em Marabá, através do povo mesmo. Então eu mesmo achei, que a idéia de dar entrevista, relatar o fato através do "Resistência", seria interessante, seria o primeiro ato, para ver se a gente faz esse apoio logístico.

RESISTENCIA — Eu queria que o sr. falasse um pouco sobre essa questão da falta de liberdade e da responsabilidade. Sobre a questão do Exército durante a guerrilha, e a responsabilidade por esses desaparecimentos?

Dr. Girão — Em primeiro lugar vamos fazer uma promessa. Eu acho que no Brasil não houve propriamente uma revolução, porque uma coisa é feita pelo alto-comando não pode ser revolucionária. É no máximo um golpe de Estado. Esse golpe pode transformar-se numa revolução, conforme os seus propósitos, seus atos de realização. Então, se uma



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: JOSÉ RUFINO PINHEIRO

Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHEL**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr. **JOSÉ RUFINO PINHEIRO**, brasileiro, casado, trabalhador rural aposentado, nascido em 18 de agosto de 1918, filho de Raimundo José Pinheiro e de Inês Maria da Conceição, portador da CI 25.356 SSP/PA, residente e domiciliado na Trav. Getúlio Vargas, 614, Novo São Domingos, São Domingos do Araguaia. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE o declarante é oriundo do Piauí e veio para o Pará em 1952; QUE o declarante tinha mulher e 09 filhos e morava na região de Fortaleza no Município de São Domingos do Araguaia; QUE em 1973 o sargento Rodrigues e o sargento Abreu, que se diziam da Polícia Militar, ficaram arranchados em sua casa, com mais uns 30 soldados; QUE o declarante era vizinho do ADÃO DA JUREMA, e sua casa ficava pertinho da Fortaleza, e ficava no caminho que ia para a Palestina; QUE estes militares mandaram o declarante, no ano de 1973, não se recordando o mês e dia, para que ele fosse embora dali com sua família, porque haveria confusão e muita bala naquele lugar, porque eles viriam para a região para pegar umas pessoas que estavam ali, e o declarante tinha umas filhas que já estavam mocinhas; QUE o declarante foi para a localidade de Buriti, Estado de Goiás; QUE o declarante conhecia desde 1970 umas pessoas chamadas Ricardo, Piauí, Lesbão, Augustão, Sebastião, Osvaldão, Sebastiana, Sônia e Andina, além de outros que não se recorda mais o nome, que estavam na região, e diziam que vinham de São Paulo, Minas Gerais e outros lugares; QUE estas pessoas ajudavam a muitos moradores da Região com remédios e tratamento médico, fazendo partos, mas o declarante não foi ajudado por eles, embora mantivesse um bom relacionamento com eles; QUE estas pessoas ficavam na casa do declarante de vez em quando, permanecendo lá por até alguns dias; QUE o declarante possuía um sítio muito grande, com plantações e criações de animais; QUE depois do declarante ser expulso de suas terras, JUAREZÃO, um bate pau do Exército, falava para as pessoas que estavam na região de Fortaleza que o declarante era fornecedor de mantimentos e que era um fazendeiro que ajudava os guerrilheiros; QUE acusava, ainda, de ser o declarante o pai do guerrilheiro OSVALDÃO; QUE, um mês após sua saída de Fortaleza, seis soldados do Exército foram até BURITI/GO, e por volta de 4 horas da madrugada entraram na casa do declarante perguntando onde ele estava, QUE o declarante ao se identificar foi algemado e levado junto com mais 18 moradores de BURITI, e levados ao Quartel de Araguaína, local em que sofreu diversas violências, tais como: golpes de cassetete no estômago, pescoço, cabeça, chutes com os coturnos; QUE para cada prisioneiro havia sempre três soldados para torturar, e que os soldados o acusava de ser terrorista além de agredir com palavras de baixo calão; QUE recorda que o Sargento Júlio emitia um sinal (toque na porta) todas as vezes em que os gemidos dos prisioneiros estavam ficando fracos e eles ficavam quase desfalecidos, momento

Rua Domingos Marreiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244



RECIP/PR/PA
44
Fls. 1

em que os espancamentos cessavam; QUE os presos que apanhavam eram levados para tomar banho para limpar o sangue que escorria decorrente dos espancamentos, e após eram encaminhados até um ônibus, onde tomavam injeções aplicadas por uma mulher e retornavam para as celas; QUE no quartel de Araguaína havia 25 celas, cada uma com cerca de 57 pessoas; QUE reconheceu várias pessoas presas no Quartel de Araguaína como: GERALDO, SINÉZIO, PEDRO BORBA, MARIANO, RAIMUNDINHO, SALU, ABDIAS, todos moradores de São Domingos do Araguaia; QUE ficou preso durante 20 dias, sendo que por seis vezes foi transferido de carro e também de helicóptero para AMAPÁ e para a PM que ficava na beira do rio Itacaiúnas, em Marabá, onde havia também muitos presos; QUE os prisioneiros que tinham conhecimento da região da guerrilha foram obrigados pelo Exército para servirem de guias; QUE o declarante ficou por 06 meses e 16 dias ajudando o Exército na mata, guiando-os; QUE o batalhão que o declarante servia de guia era composto de 32 soldados; QUE nessa condição testemunhou a morte de SÔNIA e OSVALDÃO; QUE a morte de SÔNIA ocorreu perto da casa do finado HILÁRIO, sogro do PEIXINHO, por volta de dez horas; QUE SÔNIA foi alvejada quando ia saindo da mata para a casa, sendo que quando o declarante a viu ela só mexia a cabeça; QUE não sabe qual o destino dado ao corpo de SÔNIA, pois seguiu em frente com o batalhão; QUE também presenciou a morte de OSVALDÃO, na capoeira do PEDRO LOCA, junto da PALESTINA; QUE OSVALDÃO foi morto, por volta de 4 horas da tarde, por ARLINDO PIAUI, que era guia formado (homem de confiança do Exército); QUE OSVALDÃO quando foi alvejado estava de costas, comendo macaxeira sentado num tronco caído; QUE OSVALDÃO estava muito magro e com fome; QUE OSVALDÃO foi atingido com um tiro só de uma 12; QUE o Exército levou o corpo de OSVALDÃO para Xambioá; QUE OSVALDÃO foi um dos últimos guerrilheiros a morrer na região, sendo após o declarante dispensado da função de guia; QUE o declarante ainda foi obrigado a se apresentar de 15 em 15 dias perante o Tenente Santa Cruz no BACABA, durante mais ou menos 10 vezes; QUE toda vez que tinha de se apresentar no BACABA deslocava-se de BURITI/GO até BACABA/PA; QUE viu a FÁTIMA, guerrilheira, baleada na coxa e perna, pois ela estava sendo carregada no lombo de um burro do EDITE, que é casado com uma sobrinha do declarante, até a localidade de Bom Jesus; QUE segundo informações à época ela teria sido removida para Belém num helicóptero; QUE oferecido para reconhecimento do declarante as fotografias dos desaparecidos políticos da Guerrilha do Araguaia, reconheceu OSVALDÃO (OSVALDO ORLANDO DA COSTA), SÔNIA (LÚCIA MARIA DE SOUZA). Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *NLH* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

Sr. JOSÉ RUFINO PINHEIRO

[Handwritten signature]

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: JOAREZ PINHEIRO

Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o **Sr. JOAREZ PINHEIRO**, brasileiro, solteiro, trabalhador rural, nascido em 20 de maio de 1955, filho de José Rufino Pinheiro e de Maria C. Pinheiro, portador da CI 466.406 SSP/PA, residente e domiciliado na Lote Água Fria, próxima da Fazenda Cacau, São Domingos do Araguaia/PA. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE no ano de 1973, não sabendo precisar a data, o declarante foi preso por soldados do Exército no Centro do ADORICO, na beira do igarapé dos Veados, sob acusação de fornecer duas cascas de metal (cartuchos vazios) ao pessoal da mata (terroristas); QUE as duas cascas de metal foram dadas ao declarante pela CRISTINA e SÔNIA na casa do JUAREZINHO; QUE o JUAREZINHO, morador de FORTALEZA, informou aos militares do Exército que o declarante era quem havia fornecido as duas cascas de metal; QUE JUAREZINHO foi preso pelo Exército e começou a passar informações aos militares sobre a vida das pessoas da localidade de FORTALEZA; QUE, quando o declarante foi preso, seu pai, JOSÉ RUFINO PINHEIRO, tinha sido obrigado pelo Exército a sair de FORTALEZA e mudado para BURITI/GO; QUE o declarante ficou em FORTALEZA morando com seu tio, DIONOR; QUE o declarante foi conduzido por militares do Exército até BACABA, onde ficou em um quarto escuro durante cerca de 8 horas, sendo removido para Marabá, por volta de 11 horas da noite, deitado na carroceria de um caminhão; QUE a carroceria do caminhão estava lotado de prisioneiros, os quais não podiam sequer mexer o corpo, sob pena de ser agredido com o cabo da arma que os soldados portavam, bem como foram encobertos com uma lona; QUE, em Marabá, o declarante ficou preso no AMAPÁ, localizado na beira do rio Itacaiúnas; QUE no AMAPÁ os soldados mandavam cada preso ficar equilibrado em cima de duas latinhas com as pontas dos dedos encostadas na parede, e diziam para que cada um falasse sobre o que sabia dos *terroristas*, após o que os soldados chutavam bruscamente as latinhas, e os presos caíam e machucavam os pés; QUE o declarante foi obrigado por três vezes a se submeter a esse tipo de violência; QUE, posteriormente, os militares chamava, individualmente, cada preso e oferecia cigarro, água, café, e fazia indagações sobre os *terroristas*; QUE caso não fossem satisfeitos com a resposta os presos eram agredidos com tapas e pontapés; QUE os presos também eram colocados em fila para cantar a seguinte música: “É um tal de soca soca, é um tal de pula pula, quem tem culpa se enrola, quem não tem logo se apura. Quem apóia não apóia, não importa pro doutor, quem dizer que não apóia quando sabe que apoiou. Dá um traço nos meninos que é pior do que terecô”; QUE caso errassem a cantoria eram agredidos; QUE eram também obrigados a roçar com ferramentas desamoladas; QUE ficou preso durante 60 dias no AMAPÁ, sendo então liberado, com condição de 10 em 10 dias apresentar no BACABA; QUE na época da guerrilha o declarante tinha bom conceito dos *terroristas*, pois eles

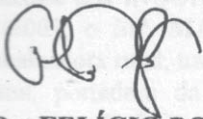
Rua Domingos Marreiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244



PROC/P
Fls. 46
M

eram pessoas educadas e tratavam bem as pessoas; QUE tem conhecimento de que diversas pessoas de FORTALEZA foram presas, como: o seu tio DIONOR, JOÃO MEARIM, este o declarante viu quando ele foi agredido pelos militares do Exército ao reagir à prisão, FOGOIO, GERALDO, ZÉ MUMBICA, ANTÔNIO NOGUEIRA, JOÃO DO HILÁRIO (cunhado do PEIXINHO). Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Nobuo Hino* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

Sr. JOAREZ PINHEIRO



Dr. FELÍCIO PONTES JR.

Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: ROCILDA SOUSA DOS SANTOS

Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o **Sr. ROCILDA SOUSA DOS SANTOS**, brasileira, viúva de SEVERINO BENIGNO DOS SANTOS, trabalhadora rural aposentada, nascida em 06 de dezembro de 1926 em Mirador/MA, filha de Maria Ferreira Barros, portadora da CI 2.269.712 SSP/PA, residente e domiciliada na Trav. Haroldo Bezerra, 305, Novo São Domingos, São Domingos do Araguaia/PA. Indagada, a declarante prestou as seguintes declarações: QUE é natural de Mirador/MA; QUE chegou na região de São Domingos do Araguaia, na localidade conhecida por Água Branca, no final do ano de 1969; QUE era casada com o Sr. SEVERINO BENIGNO DOS SANTOS, lavrador, nascido em 24.08.1925 e natural de Mirador/MA, portador da CI 25.249 SSP/PA, filho de Raimundo B. dos Santos e de Teodora G. de Souza; QUE o casal teve 12 filhos; QUE a declarante e seu marido conheciam NELITO, ROSA, SÔNIA, CRISTINA, JOÃO ARAGUAIA, PAULO, EDINHO, LONDRIN, DUDA, os quais diziam serem *guerrilheiros*, entretanto o Exército dizia que eles eram *terroristas*; QUE os *guerrilheiros* frequentavam a casa da declarante e pessoas educadas, prestativas, cuidavam dos doentes, inclusive a SÔNIA prestou atendimento em uma ocasião ao seu marido que estava com febre decorrente de malária; QUE SÔNIA também cuidou de DALVA, sua filha, que estava adoentada com dores na barriga; QUE a declarante sempre convidava os *guerrilheiros* para comer em sua casa; QUE seu marido frequentava as reuniões promovidas pelos *guerrilheiros*, mas que não sabia do assunto tratado, apenas ouvia dizer que tinha sido bom; QUE no ano de 1973 começou ver movimentação de militares do Exército na região de Água Branca, sendo nessa ocasião seu marido preso por ter amizade e prestado ajuda aos guerrilheiros; QUE a prisão de seu marido ocorreu quando ele estava dentro de sua casa ajeitando um forno de lata; QUE a declarante estava na cozinha e viu quando os militares do Exército tiraram seu marido de dentro da casa pelos cabelos; QUE a declarante pediu que não levassem seu marido, no que foi respondido pelos soldados para que não se preocupasse, pois o levariam para BACABA para ele dar um depoimento e que em três dias estaria de volta, porém seu marido somente voltou para casa 90 dias depois; QUE de BACABA foi transferido para Marabá, Araguaia, retornando para Marabá e depois para BACABA; QUE em Marabá, no AMAPÁ, SEVERINO BENIGNO DOS SANTOS foi amarrado pelos pés, de cabeça para baixo, dentro de uma cisterna seca onde havia formigas de fogo; QUE, ainda no AMAPÁ, SEVERINO BENIGNO DOS SANTOS foi colocado deitado na picarra e coberto com outra camada de picarra, depois outras pessoas deitaram por cima dele; QUE ao retornar para sua casa SEVERINO BENIGNO DOS SANTOS não podia andar direito por causa de dores nos pés e na barriga, o que lhe deixou sequelas, pois não podia mais exercer direito seu trabalho, até o dia de seu falecimento em outubro de 1999; QUE viu

Rua Domingos Marreiros, 690 - Umarizal - CEP. 66055-210 - Belém/PA
Endereço eletrônico: prdc@prpa.mpf.gov.br - Tel: 0XX91 242-1057 - Fax: 0XX91 222-1543 - 212-1244

Rocilda

Documento

RESISTÊNCIA

"Fomos torturados no Ministério do Exército"



Cumpriam lavadores em festa

TORTURA

Voltamos a publicar os depoimentos de paraenses torturados, cuja publicação foi arbitrariamente proibida em nossa edição nº 5 (agosto de 78), apreendida pela Polícia Federal.

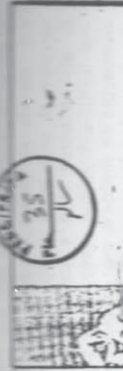
Com todas as letras e sem que possa restar qualquer dúvida, os três Ministérios Militares, na primeira quinzena de fevereiro, assumiram publicamente o reconhecimento das torturas cometidas nos porões do regime militar, e a defesa mais explícita dos torturadores, que consideram como "heróis". A reação dos generais, inteiramente respaldada pelo presidente da República, esteve em função de novas denúncias de torturas, feitas pela imprensa política. Inês Etienne Romeu (leia na página 3). Para eles, denunciar as atrocidades e bestialidades cometidas pela repressão política é "revanchismo".

"Fui sequestrada no dia 20 de dezembro de 1971 por policiais que pertenciam ao DOI-CODI de Belo Horizonte. Para descobrir-nos (eu e meu marido), Humberto Rocha Cunha foram aos locais onde trabalhávamos e conseguiram nossas fotos; com elas rondaram pelos bairros da cidade industrial de Contagem. Minas Gerais, procurando-nos, ora dizendo que eram nossos amigos, ora dizendo que éramos máis pagadores e ainda que éramos terroristas, pagadores e incompatibilizar com nossos amigos e operários, que sempre foram bons vizinhos e com quem nos também sempre vivemos o melhor relacionamento".

Depois de 12 horas a repressão chegou em nossa residência, um modesto barracão com um quarto, uma sala e a cozinha. Estava se preparando o jantar quando aproximaram-se dois policiais (que de cara identifiquei como J. Repressão) procurando-me para oferecer-me trabalho em uma firma de vendas de livro (trabalhei 1 ano e meio como vendedora), porque sabiam que eu ha-

nição aos torturadores e do desmantelamento do aparelho repressivo. Por isso, não é correto aceitar a ameaça e a proibição dos generais. "Resistência" sofreu na carne estas ameaças, quando publicou, em agosto de 78, quatro depoimentos de torturas, dos ex-presos políticos Humberto Cunha, Paulo Fontelles, Hécilda Fontelles e Izabela Cunha, os três últimos paraenses, que passaram por verdadeiro inferno nos porões do governo Médici. A edição foi quase toda apreendida pela Polícia Federal, abriu-se inquérito policial militar, e três companheiros foram julgados. O resultado final, no Superior Tribunal Militar (ao qual a promotora recorreu, depois de haver perdido na auditoria militar local), foi totalmente favorável ao deslocamento do processo para a justiça comum.

Por isso, e para confirmar nossa posição firme ante a exigência de punição dos torturadores, resolvemos publicar novamente os depoimentos, a base de um por edição. O primeiro que se segue, é da professora de História, Izabela Cunha, coordenadora local do CIPES (Centro de Intercâmbio de pesquisas e estudos econômicos sociais) e colaboradora do jornal "Resistência". (Luiz Maklouf Carvalho)



Iza, no Encontro de Trabalhadores Rurais

Davi (que se apelidava de Dr. Sócrates) torturou-me; despida, apertava o bico dos meus seios, como quem queria arrancá-los; depois sentou-me à força em um vaso sanitário onde jogava água gelada nos meus órgãos genitais. Parecia um louco, desparado. Os olhos a saltar, parecia transtornado. Olhei firme para ele e mandei-o fazer isso com a mãe dele. Ele respondeu que sua mãe não era uma subversiva e sim uma santa mulher. Era um sádico e tenho quase certeza que chegava ao orgasmo quando fazia isso. Ficava irritantíssimo e nervoso quando fitava-o, firme nos olhos, voltava a torturar-me. Voltei ao DOI-CODI várias vezes onde fui torturada na frente do meu marido, quando mais de 5 homens avançaram para bater-me com socos, pontas de facas, e com socos tão fortes no estômago, próximo do fígado, dado pelo capitão Pedro Lívio da Polícia Militar de Belo Horizonte, que ainda hoje sofre as consequências. Não tenho a data, mas forntre os dias 3 e 5 que fui trada da minha cela por volta das 21 horas, algemada, fui empurrada para um Volks, onde ficamos 6 pessoas, eu e mais 5 policiais. Sendo o carro levado por uma estrada escura, sem asfalto, que ligava o estádio de futebol "Mineirão" até a BR-3, estrada que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro. Durante a viagem,

O GOVERNO DA



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: MARIA LUCIMAR DA SILVA


Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR. e Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr^a. **MARIA LUCIMAR DA SILVA**, brasileira, viúva de **JOSÉ ALVES DA SILVA**, trabalhadora rural, nascida em 21 de outubro de 1947, filha de Egidio Pereira da Silva e de Amélia Barbosa Lima, portadora da CI 398.182 SSP/TO e CIC 246.250.942-91, residente e domiciliada na Rua Transaraguaia, bairro São Luis, São Domingos do Araguaia/PA. Indagada, a declarante prestou as seguintes declarações: QUE é natural de Belo Monte/MA; QUE chegou na região do Brejo Grande do Araguaia/PA em novembro de 1968 e casou-se com **JOSÉ ALVES DA SILVA**, natural de Brejo Grande do Araguaia/PA e nascido do ano de 1946, não recordando o dia e mês; QUE do casamento tiveram 9 filhos, sendo que os dois filhos mais velhos da declarante fora do relacionamento conjugal foram registrados como filhos do casal; QUE naquela época a declarante era quebradeira de coco de babaçu e seu marido trabalhava *trupiando* (transportando carga em cima de um burro) na região da Palestina e Serra das Andorinhas; QUE o casal morava no Castanhal, localizado na OP3, próximo da Serra das Andorinhas e depois foi morar na localidade conhecida por BARRACHEIRA, vizinha da FORTALEZA; QUE, em data que não se recorda, o marido da declarante, **JOSÉ ALVES DA SILVA**, foi preso pelo Exército, sob acusação de conhecer e ajudar o pessoal da mata, que era conhecido como *terroristas*; QUE seu marido além de sofrer agressões dos soldados do Exército foi obrigado a servir de guia e carregar mantimentos para alimentar as tropas do Exército; QUE no final do ano de 1974 o marido da declarante foi liberado pelo Exército, mas tinha que se apresentar periodicamente na BACABA e também na OP3; QUE, decorrente dos trabalhos forçados executados para o Exército, o marido da declarante ficou muito doente e queixava-se de dores no peito, cabeça, além de fraqueza, o que o impedia de trabalhar; QUE os primos de seu marido, **SISOU e ANTÔNIO FURADO**, ainda o internaram no hospital de Imperatriz/MA, porém não conseguiu melhorar de saúde; QUE a família da declarante não tinha condições de dar tratamento adequado ao **JOSÉ ALVES DA SILVA**, que apenas ficava em sua casa, sem trabalhar, e debilitado, até falecer em outubro de 1978; QUE chegou a conhecer, somente de vista, **SÔNIA e VALQUÍRIA**; Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *[assinatura]* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

[assinatura]
 Sr^a. **MARIA LUCIMAR DA SILVA**

[assinatura]
Dr. FELÍCIO PONTES JR.

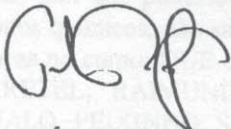
[assinatura]
Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB

PROCIP.
Fls. 49
JL

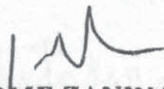
ROSINHA e JOÃO ARAGUAIA serem presos pelo Exército; QUE a declarante viu ROSINHA amarrada, sendo conduzida por um tal de MANEZINHO DAS DUAS, que morava próximo de sua casa, e outra pessoa que não sabe quem era, por volta de 8 horas da manhã, ocasião em que quase não a reconheceu, pois ela estava muito magrinha; QUE a declarante abraçou a ROSINHA e ambas choraram; QUE a ROSINHA comeu pouco de frango frito que seus condutores traziam consigo; QUE MANEZINHO DAS DUAS falou para declarante que pediu para a ROSINHA se entregar, porém ela teria dito que não se entregaria, pois preferia morrer a entregar; QUE MANEZINHO DAS DUAS aprisionou ROSINHA justificando que ela estava causando muitos problemas e sofrimento aos moradores da região; QUE viu quando MANEZINHO DAS DUAS levou ROSINHA em direção de São Domingos; QUE sobre a prisão de JOÃO ARAGUAIA declara que ele pediu para que o LUIZ GARIMPEIRO o entregasse para o Exército, pois ele já não mais aguentava mais ficar na mata passando dificuldades; QUE LUIZ GARIMPEIRO levou JOÃO ARAGUAIA, que estava cabeludo, bastante magro e com a cor amarelada, até à casa da declarante, sendo de lá transportado pelo Exército em um helicóptero até BACABA; QUE a declarante ouviu os militares fazendo perguntas ao JOÃO ARAGUAIA, recordando que teria JOÃO DO ARAGUAIA respondido que era Juiz de Direito em Salvador, no que foi indagado por um Tenente sobre a razão dele deixar de ganhar dinheiro para morrer na mata, no entanto, nenhuma resposta foi dada; QUE oferecido para reconhecimento as fotografias dos desaparecidos da Guerrilha do Araguaia, reconheceu JOÃO DO ARAGUAIA (DEMerval DA S. PEREIRA). Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu,  Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//////

Rocilda Sousa dos Santos

Sr^a. ROCILDA SOUSA DOS SANTOS



Dr. FELÍCIO PONTES JR.



Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: JOÃO VITÓRIO DA SILVA

Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o Sr. **JOÃO VITÓRIO DA SILVA**, brasileiro, casado, trabalhador rural aposentado, nascido em 23 de fevereiro de 1935 em São João do Araguaia/PA, filho de Vitório José da Silva e de Luciana Pereira de Jesus, portador da CI 367.611 SSP/PA, residente e domiciliado na Rua Tocantins, nº 48, bairro São Luis, São Domingos do Araguaia/PA. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE sempre morou na região de São Domingos do Araguaia; QUE morava próximo do igarapé FORTALEZA quando conheceu os *guerrilheiros* ORLANDO, ZEZINHO, TONINHO, PIAUI, ZÉ CARLOS, SÔNIA, DINA, REGINA, FÁTIMA, ROSINHA; QUE os *guerrilheiros* eram pessoas distintas e que eles ajudavam prestando atendimento à saúde das pessoas da região; QUE eles falavam da situação precária vivida pelas pessoas na região e que lutavam para melhorar esse quadro; QUE em meados do mês abril de 1973 foi preso pelos soldados do Exército dentro de sua casa; QUE foi levado para BACABA, Marabá, Araguaína, retornando para Marabá, BACABA e finalmente liberado após cerca de três meses; QUE sua liberdade ficou condicionada desde que ficasse vigiando as movimentações que ocorriam próximo de sua casa durante 21 dias; QUE sua casa, criação e roças foram totalmente destruídas; QUE durante o tempo em que ficou preso foi barbaramente espancado com chutes, murros, coices de fuzil, o que lhe restou sequelas como afundamento na parte superior do crânio, dores nas costelas; QUE foi obrigado no acampamento militar em Marabá a ficar equilibrado em cima de duas latinhas com a ponta dos dedos encostados na parede, sem que pudesse encostar as palmas das mãos; QUE foi colocado em um quarto onde havia produtos químicos, não sabendo precisar qual tipo, que o deixava com ânsia de vômito, dor de cabeça e fraqueza no corpo; QUE com o declarante estavam na prisão diversas pessoas conhecidas como: PEDRO CARRETEL, RAIMUNDO DAS MOÇAS, SEVIRENINHO, SEVIRINÃO, PERNAMBUCO DO CAVALO, PEIXINHO, SIMÃO, PEDRO BORBA, ABDIAS, ZÉ DA LUZ, ZÉ RUFINO, LEÔNIDAS, SALOMÃO, MARIANO. Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Nobuo Hino*, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//

João Vitório da Silva
Sr. JOÃO VITÓRIO DA SILVA

Felício Pontes Jr.

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

Guilherme Zanina Schelb
Dr. GUILHERME ZANINA SCHELB



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
 PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ
 Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado do Pará**

TERMO DE DECLARAÇÕES QUE PRESTA: MANOEL FERREIRA

Aos cinco dias do mês de julho do ano dois mil e um, na sede da Pastoral da Paróquia de São Domingos do Araguaia, município de São Domingos do Araguaia/PA, presentes os Procuradores da República, **Dr. FELÍCIO PONTES JR.** e **Dr. GUILHERME ZANINA SCHEL**, compareceu, espontaneamente, no interesse dos INQUÉRITOS CIVIS PÚBLICOS MPF/SP/Nº 03/2001, MPF/PA/Nº 01/2001, MPF/DF/Nº 05/2001, o **Sr. MANOEL FERREIRA**, brasileiro, casado, trabalhador rural aposentado, nascido em 06 de novembro de 1916 em Piripiri/PI, filho de Francisco Maceda e de Jacinta Ferreira, portador da CI 3.190.394 SSP/PA, residente e domiciliado na Rua Araguaia, bairro São Luis, São Domingos do Araguaia/PA. Indagado, o declarante prestou as seguintes declarações: QUE mora há mais de 50 anos na região de São Domingos do Araguaia; QUE morava na localidade de BOM JESUS, perto do igarapé FORTALEZA, e trabalhava cuidando de roça de mandioca, arroz, banana, cana e milho, e tinha criações; QUE conheceu ZÉ CARLOS, PIAUI, SÔNIA, ORLANDO, ZEZINHO, LUIZINHO, FÁTIMA, REGINA, DONA MARIA, MÁRIO; QUE tinha demais amizade com os *guerrilheiros*, tanto que compartilhava arroz, farinha com eles; QUE, quando fraturou o braço direito, a SÔNIA e o ZÉ CARLOS acudiram o declarante, cuidando-o; QUE, em data que não se recorda, os militares do Exército obrigaram o declarante a abandonar a sua casa, criação e roça; QUE teve de ir embora com a sua família para São Domingos do Araguaia, ficando abrigado numa tapera velha, e mesmo assim ficou sendo vigiado pelos militares do Exército durante três meses; QUE foi obrigado, por três vezes, pelos militares a levar comida para os soldados do Exército na localidade de CHEGA COM JEITO e SÃO JOSÉ; QUE viu na localidade de Bom Jesus militares do Exército batendo no JOÃO MEARIM, ocasião em que foram presos também JUAREZINHO, DIONOR, MOZIM, CEARENSE, BASTIÃO, que foram levados para BACABA. Como nada mais declarou, os Srs. Procuradores mandaram encerrar este termo, que após lido e achado, vai assinado. Eu, *Lu* Nobuo Hino, Analista Processual da PR/PA, que o digitei.//



Sr. MANOEL FERREIRA

(Assinatura manuscrita)

Dr. FELÍCIO PONTES JR.

(Assinatura manuscrita)

Dr. GUILHERME ZANINA SCHEL